“Patrimônio Histórico Arquitetônico de Roraima”

Cores, formas e memórias que contam nossa história



CURADORIA: CECY BRASIL

ARTISTAS PLÁSTICAS:
PETITA E PERPE BRASIL

SUPERINTENDÊNCIA DO
INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO
ACERVO E MEMÓRIA DO PODER
LEGISLATIVO RORAIMENSE

Roraima Assembleia Legislativa 35 anos

Expediente

PRODUÇÃO E EDIÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DO INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO, ACERVO E MEMÓRIA DO PODER LEGISLATIVO RORAIMENSE
SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

SUPERINTENDENTES
ADRIANA MARIA SILVA DA CRUZ DRT/RR 476
SONIA LUCIA NUNES PINTO DRT/RR 346

JORNALISTA RESPONSÁVEL
VANESSA BRITO - DRT/RR 575

PESQUISA
CECY BRASIL

TEXTOS
VANESSA BRITO
CECY BRASIL

REVISÃO
ADRIANA MARIA SILVA DA CRUZ
JOSELINDA CAVALCANTE LOTAS
LEONARDO GUIMARÃES

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
JAILSON SOUSA DTR-12403/PR

FOTOGRAFIA
JADER SOUZA

MESA DIRETORA
BIÊNIO 2025 / 2026

Presidente:	Soldado Sampaio - Republicanos
1º Vice-Presidente:	Jorge Everton - União
2º Vice-Presidente:	Chico Mozart - PP
3º Vice-Presidente:	Eder Lourinho - PSD
1º Secretário:	Renato Silva - Podemos
2ª Secretária:	Aurelina Medeiros - PP
3º Secretário:	Rarison Barbosa - PMB
4º Secretário:	Marcinho Belota - PRTB
Corregedor-Geral:	Dr. Cláudio Cirurgião - União
Ouvidor-Geral:	Isamar Júnior - Podemos
Secretária Especial da Mulher:	Joilma Teodora - Podemos

DEMAIS DEPUTADOS

Angela Águida Portella - PP
Armando Neto - PL
Catarina Guerra - União
Cel. Chagas - PRTB
Dr. Meton - MDB
Gabriel Picanço - Republicanos
Idazio da Perfil - MDB
Lucas Souza - PL
Marcelo Cabral - Cidadania
Marcos Jorge - Republicanos
Neto Loureiro - PMB
Odilon - Podemos
Tayla Peres - Republicanos

Apresentação

Com imensa alegria, a Assembleia Legislativa do Estado de Roraima, por meio do Instituto de Documentação, Acervo e Memória do Poder Legislativo Roraimense (IDAM), apresenta o catálogo “Patrimônio Histórico Arquitetônico de Roraima”, em celebração aos 37 anos de criação do Estado.O catálogo permite ao público conhecer cada construção, personagens e dados de Cecy Brasil que revelam nossa história, cultura e as trajetórias que moldam a nossa identidade. Por meio do IDAM, a proposta é resgatar, democratizar e eternizar as obras e biografias dessas mulheres que contribuíram de forma significativa para a cultura e a arte de Roraima. A obra é promovida pela Presidência da Casa Legislativa, coordenada pelo IDAM e realizada em parceria com a Superintendência de Comunicação.



SOLDADO SAMPAIO

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE RORAIMA

Nota Técnica

Mais uma produção do Instituto de Documentação, Memória e Acervo do Poder Legislativo de Roraima (IDAM), em celebração ao aniversário do nosso Estado. O catálogo integra a exposição Patrimônio Histórico Arquitetônico de Roraima, que marca as mostras realizadas pela instituição e reafirma o compromisso do Poder Legislativo com a valorização da arte, da história e da cultura roraimense.

A proposta desta publicação é dar visibilidade às obras das artistas locais e enaltecer seus trabalhos, que resgatam e reinterpretam a identidade arquitetônica e cultural do nosso Estado. Cada obra apresentada é resultado de um olhar sensível sobre os espaços urbanos e históricos de Roraima, revelando o diálogo entre arte, experiências e patrimônio.

Para a elaboração deste catálogo, a equipe do IDAM realizou um cuidadoso trabalho de pesquisa e entrevistas, em parceria com a curadora Cecy Brasil, reunindo informações sobre os locais retratados e sobre os processos criativos das artistas participantes. O objetivo é que mais pessoas tenham acesso a essas produções e aos dados históricos de cada lugar, muitos dos quais ainda não estão disponíveis na internet ou em outras fontes públicas.

Assim, o catálogo Patrimônio Histórico Arquitetônico de Roraima não é apenas um registro das exposições realizadas, mas também um instrumento de democratização cultural e de valorização da memória coletiva, reafirmando o papel do IDAM como guardião e promotor.

Adriana Cruz
Superintendente do Instituto de Documentação, Memória e Acervo do Poder Legislativo de Roraima



CURADORA **CECY BRASIL**

Roraimense, filha das tradicionais famílias Magalhães e Brasil, Cecy Lya Brasil nasceu em 27 de maio de 1948, no antigo casarão da família, onde viveu por 72 anos. Filha de Adolpho Brasil, importante empreendedor, pecuarista e ex-prefeito de Boa Vista, e de Thereza Magalhães Brasil, dedicada à educação e ao bem-estar familiar.

Formada no antigo magistério na escola tradicional Monteiro Lobato, tornou-se autodidata, pesquisadora, escritora e conferencista sobre a história, as lendas, os usos, os mitos, os costumes e os falares de Roraima. É mãe de seis filhos, avó de quinze netos e bisavó de três bisnetos. Sua trajetória de vida e profissional reflete o profundo vínculo com suas raízes e o compromisso com a preservação da memória cultural do povo roraimense. Presidiu a Academia Roraimense de Letras (ARL) de 2021 a 2025, ocupando a cadeira de número 17, cuja patrona é Maria das Dores Brasil, sendo membro fundadora da instituição. Em 2025, foi eleita Presidente Emérita da ARL, em reconhecimento à sua trajetória e contribuição à literatura e à cultura de Roraima.

Na administração pública, atuou em cargos de secretária adjunta, comunicação, coordenação e direção em órgãos culturais, de turismo e de treinamento, além de ter experiência como empresária. Na literatura, publicou obras de referência na valorização da identidade amazônica, como a coleção Ajuri (1987), que reúne seis livros voltados ao público infanto-juvenil, inspirados nas lendas indígenas da região: Canaimé, Cruviana, Makunaima, O Ajuri, Pedra Pintada e Tupã-Queen. O material tem as colaborações da contadora de histórias Petita Brasil, do ilustrador Augusto Cardoso e da pedagoga Clemes Menegasse.

A coleção conquistou o prêmio internacional “Liselott Diem” de Literatura Desportiva em Paris (1989). Também é autora de Calendário Cultural (1992), do trilíngue Histórias, Lendas e Mitos (1997), primeiro livro de Roraima publicado em português, inglês e espanhol, e do Calendário das Matriarcas (2015–2018). Além disso, escreveu para os desfiles alegóricos em celebração ao aniversário de Roraima (1991 e 1994), com temas que celebram a história, cultura e os lavrados do Estado. Pelo conjunto de sua obra, Cecy é reconhecida como mestre das lendas da cultura popular roraimense.



PERPE BRASIL

Artista plástica roraimense, Perpe Brasil tem 77 anos e uma trajetória de 54 anos dedicados às artes visuais. Desde a infância, já se destacava no colégio das freiras por seus desenhos, e, aos 23 anos, iniciou sua carreira pintando em aquarela e em telas.

É formada em Belas Artes no Rio de Janeiro e em Educação Artística pela Universidade de Brasília (UnB), além de possuir pós-graduação em Artes Visuais pela Faculdade Senac. Realizou especializações em arte em Washington (Estados Unidos), uma imersão em aquarela na Espanha e participou de diversos workshops com mestres aquarelistas espanhóis e brasileiros.

Com 50 exposições individuais, incluindo três no exterior — em Roma, Washington e Caracas —, e também participações em coletivas em espaços culturais de destaque, como o Carrossel do Louvre (Paris), Barcelona, Inglaterra e Portugal, consolidou-se como uma das principais representantes das artes visuais de Roraima. Foi conselheira de Cultura do Distrito Federal por dois anos e recebeu 11 premiações em salões de arte.

Atualmente, vive em Brasília, onde é atuante na cena artística local, participando de exposições coletivas, como a mostra no Museu dos Correios, e também de exibições internacionais, como a coletiva em um palácio em Sintra, Portugal. Além de artista plástica, é escritora e ilustradora, e acaba de lançar seu quarto livro de histórias infantis, em parceria com outros ilustradores.

Durante a pandemia, em 2020, recebeu de Cecy Brasil um presente especial: a encomenda de uma série de aquarelas retratando os monumentos históricos de Roraima. O processo, que durou um ano, tornou-se um resgate afetivo da infância e das vivências em seu estado natal. Entre as obras, destaca-se uma aquarela inspirada no antigo Marabá, onde retratou a si mesma, Cecy e a prima Nádia saboreando picolés de groselha — memória de laços familiares e afetivos.



PETITA BRASIL

Artista plástica, pesquisadora e escritora, Petita Brasil nasceu em 25 de abril de 1946 e vive na segunda casa de alvenaria construída em Boa Vista, erguida em 1888 por seu avô, o coronel Teodoro Beto Ferreira Marques Brasil, tombada como patrimônio municipal em 1993, onde mantém seu ateliê. Desde a infância, destacou-se nas artes, formou-se em teatro sob orientação da Madre Leotávia Zoller e fundou o Movimento Bandeirantes em Roraima.

Defensora da arte indígena e rupestre, Petita Brasil participou de exposições em diversos estados. Entre 1991 e 1994, foi Diretora Cultural do Fórum de Secretários Estaduais e atuou na restauração de patrimônios históricos. Criou o grupo artístico-teatral Ajuri e a Dança do Parixara, presidiu o Simpósio Internacional Latino-Americano da Fundação de Cultura Luiza Maciel, colaborou na criação do Museu Mestre Vitalino e tem obras em acervos da Alemanha, Suíça, Itália e Portugal.

Petita Brasil recebeu diversas honrarias, incluindo a condecoração do presidente Itamar Franco, a medalha dos 200 anos da morte de Tiradentes, a medalha do Forte São Joaquim e o título de Filha de Roraima. Como diretora do Departamento de Cultura do Estado, atuou na restauração do Teatro Carlos Gomes, no tombamento da Casa Governamental Madre Leotávia Zoller e da centenária árvore Imbaúba, além de implantar uma biblioteca infanto-juvenil.

Já à frente da Cultura, trabalhou pela restauração da Fazenda São Marcos. É membro fundadora da Academia Roraimense de Letras, ocupando a cadeira nº 3, patrono Oder Brasil; conselheira cultural do Estado de Roraima; presidente da Câmara de Patrimônio e Museologia do Conselho de Cultura; consultora sênior do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (UFRR) e Embaixadora Sênior do Observatório da Juventude.

Em relação aos quadros que retratam os patrimônios históricos arquitetônicos de Roraima, Petita começou a confeccionar em 2020, composta por tecidos, linhas, criatividade e mãos como principal ferramenta. O trabalho manual resultou em 13 quadros. A artista destaca duas telas que homenageiam os seus antepassados: o Forte São Joaquim e a casa do fundador de Boa Vista, que é o prédio residencial do seu cantinho.

Em relação aos quadros que retratam os patrimônios históricos arquitetônicos de Roraima, Petita começou a confeccionar em 2020, composta por tecidos, linhas, criatividade e mãos como principal ferramenta. O trabalho manual resultou em 13 quadros, a artista destaca duas telas que homenageiam os seus antepassados: o Forte São Joaquim e a casa do fundador de Boa Vista que é o prédio residencial do meu cantinho.

PRÉDIO RESIDENCIAL - CASA GRANDE



PERPE BRASIL

Construída em 1888, às margens do Rio Branco, a grande mansão do Cel. Theodoro Bento Ferreira Marques Brasil, conhecida como Casa Grande, tem uma arquitetura eclética, com predominância do neoclássico, embora tenha janelas em formato oval, as quais remetem à arquitetura gótica. O "velho" Bento Brasil era um homem que conhecia e escolhia o que de melhor existia na época. Chegado de Coimbra, Portugal, onde estudava, não mediu esforços para construí-la. Assim, a fachada do prédio principal, imponente e, sem dúvida, original, assenta-se sólida à nossa frente. A casa abrigava sua família e alguns amigos mais íntimos.

Depois de alguns anos, por problemas comerciais, a casa foi hipotecada e vendida. Em 1980, a neta de Bento, Luiza Carmen Brasil, conhecida como Petita, comprou o espaço. Quando o município foi elevado a Território, em 1943, a residência abrigou o governador Ene Garcês; também foi espaço para salão de festas, Divisão de Segurança, hospital e, por último, funcionou como o 1º Colégio São José. Além disso, por algum tempo, hospedou as madres beneditinas (1924). Foi também a 1ª sede da Maçonaria.

Proprietária: Luiza Carmen Brasil (Petita)
Tombado pelo decreto nº 2614 - 15 de outubro de 1993



PETITA BRASIL

A residência, a única de Boa Vista que permanece original, possui uma calçada larga e alta e está retratada em tecido. À frente, a artista fez uma homenagem aos seus avós, proprietários e idealizadores da residência, Theodoro Bento Ferreira Marques Brasil e Luiza Mesquita Brasil.

Ambos estão vestidos com trajes da época: ela, com sombrinha, chapéu e bolsa, como era o costume; ele, usando roupa de linho branco, bengala e relógio de algibeira com corrente de ouro. Os cavalos de raça eram o hobby preferido do Cel. Bento. A artista quis retratar o transporte (meio de locomoção) da época.

PRELAZIA DO RIO BRANCO



PERPE BRASIL

A Prelazia foi fundada e canonicamente dirigida por decreto da Santa Sé, em 15/08/1907, como território anexo do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, com o título “Abadia Nullins’ de N. S. de Mouserrat. Em 1909, os primeiros beneditinos vindos de Manaus chegaram em Roraima, em uma lancha Macuxi de propriedade do senhor Bento Brasil. Começou novamente uma longa e intrigada evangelização no vale do Rio Branco, assim como novas construções.

Em 1924, houve a inauguração do prédio Prelazia, às margens do Rio Branco, em frente para a rua Bento Brasil. O espaço expressa um estilo neoclássico e europeu. Atualmente, o lugar é usado como parte da administração da Diocese de Roraima. O prédio foi restaurado e tem como projeto futuro ser transformado em um museu sacro, com biblioteca cultural, por meio de convênios com os outros órgãos, conforme informado pelo padre Vantuy. O 1º bispo de Roraima foi o Dom Geraldo Van Caloen: monge beneditino, Belga. Em 1906, foi ordenado bispo e prelado Nullius do Rio Branco. Ele residiu na Serra Grande e em Boa Vista (1914-1917).

Tombado pelo decreto nº 2614 - 15 de outubro de 1993

PRÉDIO CASARÃO DA FAMÍLIA BRASIL



PERPE BRASIL

Construção do início do século XX teve como sua primeira proprietária a senhora Maria Borges, conhecida como Maroca, pois a construção era apenas um barracão de palha. Em seguida, Adolpho Brasil adquiriu a propriedade e, em uma grande reforma, construiu o casarão em estilo colonial.

O casarão de muitas histórias, conserva em suas paredes de quatro metros, segredos indeléveis. O espaço foi palco de muitos bailes, quando ainda não havia clubes na cidade, centenas de banquetes, nos quais o prato regional de preferência era tartarugada, oferecido às autoridades. O casarão abrigou dezenas de estrangeiros e tornou-se lar de muitos filhos, parentes e amigos que vinham do interior e não tinham onde estudar. Thereza Magalhães Brasil, ao lado do seu marido, conhecida como Vovó Teté zelava seu patrimônio com muito amor, recebia todos, sempre com algumas guloseimas, regada com um cafezinho fresco.

Proprietária: Thereza Magalhães Brasil
Rua Bento Brasil, nº 835, antigo nº 42 - Centro



PETITA BRASIL

A artista retratou o Casarão da Família Brasil, numa visão da década de 50/60, no mês de Junho, mês das festas juninas, onde o Cel. Adolpho Brasil contratava o saudoso “Boi Corre Campo”, da família Cafute, para dançar na rua, em frente ao Casarão. Retratou o próprio Boi, o “Tripa” embaixo do boi, o “Chico Tira língua” com a faca na mão, a Catirina, grávida com desejo de comer língua do Boi e o Amo do Boi.

Assistindo o Boi, da esquerda para a direita: Teca Brasil, que só usava laços grandes; Petita Brasil, conhecida pelas tranças longas que usava; Cecy Brasil, a caçula da família; Nádia Brasil, batendo palmas. Foguetes e balões completavam o cenário. Material: tecidos, cordões e tintas.

FORTE SÃO JOAQUIM



PERPE BRASIL

Com a celebração do Tratado de Madri, em 1750, entre Portugal e Espanha, a corte portuguesa, para assegurar a posse das terras brasileiras, precisou defender o espaço contra as investidas de estrangeiros. Tornou-se essencial a edificação de fortalezas em pontos estratégicos. Em 1752, Dom Pedro I, soberano português, determinou ao governador e capitão-general do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a construção de um forte na margem esquerda do rio Itacutu, que se une ao rio Uraricoera, afluentes do rio Branco. Em 1775, teve início a construção, sob orientação de um dos melhores técnicos a serviço de Portugal, o capitão Felipe Sturn, que também foi o primeiro comandante.

Durante as obras, os espanhóis avançaram, mas foram expulsos pela guarnição portuguesa. Em 1778, a obra foi concluída e recebeu a denominação de Forte São Joaquim do Vale do Rio Branco. Inicialmente, o forte foi artilhado com dez canhões, sendo duas peças de bronze fundidas em Belém. Em seguida, o arsenal foi ampliado com outras peças tomadas aos espanhóis. A desativação do local ocorreu em 1900.



PETITA BRASIL

O Capitão Bento Ferreira Marques Brasil, chegou aqui em 1852, com sua esposa Cecilia Correa Roiz Brasil, para comandar o Forte São Joaquim. A artista, em uma bela homenagem aos seus bisavós, os retratou, ele vindo de Mombaça, no Ceará, e ela de Jaguarão do Rio Grande do Sul.

Ele, com o fardamento da época e ela com a cuia de chimarrão, artefato imprescindível à cultura gaúcha. Ancorada, a canoa Igarité (canoa coberta de palha), com os baús e bagagens do casal.

PRÉDIO COMERCIAL, ESQUINA DO RIO BRANCO - FILIAL



PERPE BRASIL

Prédio construído em uma esquina privilegiada, voltada para o leste, de onde se pode ver o sol nascer e o mergulho matinal no Rio Branco. Possui uma enorme escadaria, a mais famosa da cidade, por ser o ponto preferido dos namorados. O espaço foi construído com o seu nome original, Filial, por ter sido uma loja e mais uma das filiais distribuidoras da Amazônia, do empresário Joaquim Gonçalves de Araújo.

Em 1954, Said de Salomão comprou o prédio e fundou a sua própria empresa, A Bandeirante, em sociedade com Abdala Fraxe, que funcionou até a década de 1990. Em 1992, o filho Samou Salomão implantou a empresa Esquina do Rio Branco. O terreno é amplo e possuía mais de cinco edificações. Em seguida, o espaço foi alugado para uma empresa, e as demais edificações foram demolidas para a construção do novo prédio.

Proprietário: Família Said Salomão
Esquina do Rio Branco, avenida Jaime Brasil
Tombado pelo Decreto Municipal nº 2.614, de 15 de outubro de 1993.

MONUMENTO AOS PIONEIROS



PERPE BRASIL

O Monumento aos Pioneiros foi construído pela Prefeitura Municipal de Boa Vista com o objetivo de homenagear os pioneiros que chegaram a Roraima, para ocupar e desenvolver esse pedacinho do Brasil. O Monumento é de autoria do artista plástico Luiz Canará. Voltado para o Rio Branco, o painel mede 15 metros de comprimento por 4 metros de altura e avança um e meio de parede, criando um efeito tridimensional, que remete ao perfil do Monte Roraima.

A cidade ressentia-se da falta de um marco que exaltasse o papel fundamental dos pioneiros e desbravadores, juntamente com a população local. A obra foi confeccionada em concreto armado, retratando figuras que simbolizam o passado histórico do Estado. O artista Canará foi auxiliado pelo mestre Coelho. Em homenagem ao seu bisavô, João Capistrano da Silva Mota, primeiro prefeito do Município de Boa Vista do Rio Branco do Estado do Amazonas, Canará o retratou montado a cavalo. De acordo com o projeto, no conjunto das figuras destaca-se também Makunaima, representando como o primeiro habitante, recebendo os pioneiros que chegavam em barcos e canoas.

PRÉDIO MOURA BAR



PERPE BRASIL

Em estilo *far-west*, de influência fronteiriça com a Guiana Inglesa (na época), situa-se em um nível um pouco mais elevado que a rua. No térreo, apresentam-se diversas portas; já no primeiro piso, há janelas e portas voltadas para a Avenida Jaime Brasil e outras para a Rua Bento Brasil. A cobertura é de cavaco de madeira. No térreo funcionava o bar e, no primeiro piso, os quartos eram destinados à locação.

À tarde, na calçada, havia mesas e cadeiras onde a sociedade marcava "ponto" para conversar. Foi o primeiro bar a vender sorvetes e picolés de frutas regionais e de xarope de groselha. Bem localizado, era a esquina favorita dos estudantes do Ginásio Euclides da Cunha e do Colégio São José. Nos fundos, havia um grande salão onde os homens disputavam jogos de bilhar. Hoje, o prédio que tanto serviu à sociedade, ouvindo tantas declarações de amor e serenatas ao luar, está totalmente descaracterizado. No lado esquerdo, estão Cecy, Perpe e a prima Nádia saboreando picolés de groselha. A artista retratou uma de suas memórias familiares e afetivas.

Proprietário: Família Luitgard Moura
Tombado pelo Decreto Municipal nº 2.614, de 15 de outubro de 1993.



PETITA BRASIL

A artista retratou em tecido, semelhante à madeira. Na lateral, aparece o senhor Moura, proprietário do bar e da sorveteria. Jogando sinuca, estão o irmão da artista, Riobranco Brasil, e o amigo Sidney Mota. Na janela, o seresteiro e amigo Orlando Silva, apelidado “Pipipi”, por ser o telégrafo dos Correios. Em primeiro plano, sua irmã Thereza Brasil, de bicicleta.

PRÉDIO DA INTENDÊNCIA



PERPE BRASIL

No dia 9 de julho de 1890, o governador do Amazonas, Augusto Ximeno de Ville Roy, assinou o Decreto Estadual nº 49, elevando o povoado Freguesia Nossa Senhora do Carmo à categoria de município, com a denominação de Vila de Boa Vista do Rio Branco. Em 25 de julho do mesmo ano, o capitão Fábio Barreto Leite, representante do governo, em sessão solene, instalou a Intendência (edifício onde o superintendente exercia suas funções) e nomeou João Capistrano da Silva Mota para o cargo de superintendente — na época, designação que se dava aos chefes do Poder Executivo Municipal, ou seja, ao cargo que hoje corresponde ao de prefeito. José Francisco Coêlho e José Joaquim de Souza Júnior foram nomeados intendentes.

O prédio era simples, construído às margens do rio Branco, e proporcionou à sociedade da época o orgulho de ter a sua primeira prefeitura. Em 1993, com o projeto Orla Taumanan, foi construída uma réplica em local diferente, situada no lado interno do muro do Rio Branco. O espaço possui dois salões e, atualmente, é utilizado para prestar informações turísticas.

Tombado pelo Decreto Municipal nº 2.614, de 15 de outubro de 1993.

IGREJA SÃO SEBASTIÃO



PERPE BRASIL

A igreja nasceu de um milagre. Em 1883, a família saiu do Ceará rumo a Roraima: Guilhermina de Holanda Bessa, casada com Aristide Bessa, e suas filhas pequenas, Francisca e Cecília. Eles viveram por anos no município de Amajari e, mais tarde, mudaram-se para Boa Vista. Anos depois, o Rio Branco sofreu uma forte estiagem, os animais morreram de sede e os fazendeiros tiveram muitos prejuízos. Devota de São Sebastião, Guilhermina fez uma promessa: "Se chover bastante, construirei uma igreja em homenagem ao Santo.".

Suas preces foram atendidas e, com coragem e fé, iniciou uma campanha para erguer a igreja. Organizou eventos, contou com doações de fazendeiros e começou a construção. Isso levou três anos por conta das dificuldades. A missão foi continuada pelas filhas Cecília Bessa e Francisca Bessa, conhecida como Vovó Sinhá, esta já casada com Terêncio Lima, que financiou boa parte da obra. A inauguração ocorreu em 20 de janeiro de 1924, dia de São Sebastião, com a celebração da primeira missa presidida pelo padre alemão Odílio Munding. Por três anos, as irmãs organizaram os festejos até entregarem, em 1927, a igreja à Prelazia de Boa Vista do Rio Branco. O Arraial de São Sebastião tornou-se uma das mais importantes tradições religiosas do município, que adotou o Santo como padroeiro. Em 1984, a data passou a ser feriado municipal, conforme a Lei nº 104.

Tombado pelo Decreto Municipal nº 2.614, de 15 de outubro de 1993.



PETITA BRASIL

A igreja foi confeccionada em tecido e sempre foi o palco de grandes festas e arraiais, onde as lanternas em várias cores, feitas de papel de seda, proporcionavam um colorido especial. Os pares de quadrilha junina se apresentavam nas ruas. Em destaque, o casal de noivos representado por Noelia Brito e Riobranco Brasil, pares de dança inseparáveis.

Material: tecido, cordão e renda.

CATEDRAL CRISTO REDENTOR



PERPE BRASIL

A construção da Catedral Cristo Redentor teve início em 1967 e foi inaugurada em 26 de novembro de 1972, em cerimônia solene com a presença do bispo Dom Alberto Ramos, de Belém. O mentor da obra foi Dom Servilio Conti, então administrador da Prelazia de Boa Vista, tendo recebido autorização do Papa Paulo VI para a construção. Os engenheiros arquitetos Coppa e Fiorent projetaram o templo, cujo valor chegou a seis milhões de cruzeiros, obtidos por meio de campanhas e doações internacionais.

O ferro veio de São Paulo, o cimento da Polônia e o trabalho manual contou com a colaboração dos povos indígenas Macuxi e Wapichana. A Catedral projetada arquitetamente lembra três símbolos: o barco, a maloca e a harpa. Em traços modernos, simboliza o barco de Pedro navegando pelos rios da Amazônia. A forma circular presente em várias partes do templo retrata a maloca indígena que evoca a cultura local. Ao olhar para a estética do forro, nota-se o formato de uma harpa, instrumento de louvor e adoração. O responsável técnico da obra foi o engenheiro Mario Frameni. Atendendo a seu desejo, Dom Servilio Conti foi sepultado na própria Catedral.

Tombado pelo decreto nº 1162 - 20 de agosto de 2009.

FAZENDA SÃO MARCOS



PERPE BRASIL

A Fazenda São Marcos foi fundada entre 1787 e 1793, por Nicolau de Sá Sarmento, na época comandante do Forte São Joaquim. A construção da Fazenda São Marcos começou no dia 1º de setembro de 1919. Localizada a aproximadamente 80 km da capital, à margem do rio Uraricoera, a pouca distância de sua confluência com o rio Itacutu.

À época, inicialmente, para a compra dos materiais dessa obra, foram gastos cinco mil contos de réis, em parcelas anuais de vinte contos de réis, no espaço de cinco anos. Porém, somente em 1944 a construção foi reiniciada e, em 1945, finalizada, juntamente com o prédio da capela (igrejinha) da fazenda, incorporando-se à sede., que então se completou. Em 1916, a gestão do espaço passou para o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), precursor da atual Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai).

Decreto s/n., de 3 de junho de 1994 (Livro de tombo Estadual fl. 14)



PETITA BRASIL

Nas confluências dos rios Uraricoera e Itacutu foi construída a Fazenda São Marcos, pertencente ao Rei de Portugal. A artista foi fiel à sua caracterização. Na enorme escadaria, aparecem duas pessoas da comunidade local: uma mulher com jamaxi nas costas e outra com uma ubá (canoa) carregada de bananas. À esquerda, está seu amigo Alteir Matos, pescando — atividade que faz com prazer até hoje. Ele residiu por muitos anos na Fazenda São Marcos e não costuma usar camisas, trazendo sempre em seu peito nu o inseparável cordão de ouro.

UNIÃO OPERÁRIA BENEFICENTE DE RORAIMA



PERPE BRASIL

Em 1949, um grupo de operários da construção civil fundaram um clube: "União Operária Beneficente". Em 1951, o grupo elegeu José Tabosa para presidente. Ele quem solicitou e conseguiu do prefeito Estácio de Melo a doação dos lotes 6 e 7 da quadra 47, para a sede da União Operária. Em 1953, houve a construção da sede com recurso do Governo Federal, apoio municipal e a mão de obra dos próprios sócios.

O lugar continuou com a filantropia, ministrando cursos de datilografia, corte, costura e outros, com objetivo de preparar os filhos dos operários para o mercado de trabalho. Por cerca de 38 anos, a unidade manteve elevado nível de atividades. A União foi criada com objetivo de oferecer um local onde os operários pudessem se divertir, pois no Clube de Elite não entravam. Passado algum tempo, o Clube ficou tão bom que toda a sociedade roraimense começou a frequentar. Em 2010, os sócios fundadores remanescentes cederam em regime de comodato, a edificação para a Universidade Federal de Roraima (UFRR), por um período de 50 anos. A instituição restaurou o prédio e a obra foi concluída em 2013 e reaberta.

Tombado pelo Decreto nº 1184 de outubro de 2009.

1º QUARTEL DO PELOTÃO DE FRONTEIRA DO RIO BRANCO



PERPE BRASIL

Foi construído pelo 2° Sargento João de Azevedo Cruz, em 1926. Ele e a esposa Adélia Maia de Azevedo Cruz, chegaram em Roraima, pela única via de acesso existente da época, a estrada do Rio Branco, por meio do barco do velho Bento Brasil, a lancha Macuxi. Desembarcaram no Porto da Intendência, onde foram recepcionados pelo casal Adolpho Brasil e Thereza Magalhães Brasil, que os acolheu, oferecendo-lhes hospedagem no Casarão até que encontrassem uma casa para alugar.

A amizade entre as famílias logo se consolidou. João de Azevedo com muita dificuldade, construiu o 1° Quartel, feita de madeira rústica e coberta de palha com buriti, e o mais importante, com recursos próprios. Assim, com amor, cumpriu seu espírito patriótico. Aqui constituíram família e foram os patriarcas da numerosa família Azevedo Cruz, que permanece em Roraima até hoje. O antigo quartel foi erguido exatamente onde hoje está localizado o Colégio Oswaldo Cruz.

FAZENDA BOA VISTA - PRÉDIO COMERCIAL BAR MEU CANTINHO



PERPE BRASIL

Construído em 1830, o prédio abrigou a família de Inácio Lopes de Magalhães, um dos comandantes do Forte São Joaquim do Rio Branco, que cumpriu a sua missão e abraçou as terras do Norte como seu lar. Visionário, fundou em 1930 a Fazenda Boa Vista, que deu origem ao nome e à capital do Estado de Roraima. A sede da fazenda localiza-se onde funciona o bar Meu Cantinho. De construção simples, feita de barro amassado com os pés e cimento.

De calçada alta, era costume na época sentar-se em cadeiras de vime para contemplar o majestoso Rio Branco e ter momentos de café e conversas. Um século depois de sua construção, os herdeiros de Inácio venderam o imóvel para Rodrigo Pires de Figueiredo. Em seguida, o prédio foi alugado e funcionou como pensão por vários anos. Em 1968, Esmeraldino Monteiro Figueiredo herdou o espaço do pai e morou com a sua família. Entre as mudanças na arquitetura, destaca-se a cobertura de telhas de barro no formato canal, transformando-se numa ampla varanda que serve de apoio para as mesas do bar, de onde o visitante pode desfrutar de uma belíssima vista panorâmica do rio Branco. Atualmente, o bar está sob os cuidados do filho, Adriano Figueiredo.

Proprietário: Família Figueiredo
Avenida Floriano Peixoto
Tombado pelo Decreto Municipal nº 2.614, de 15 de outubro de 1993.



PETITA BRASIL

Em primeiro plano, o próprio Inácio, com vestes da época, de chapéu e de perna cruzada. Ao seu lado esquerdo, seus três filhos homens:

O primogênito Carlos Mardel de Magalhães, casado com Eliza Brasil de Magalhães;

Próximo, a senhora Eliza Brasil, com uma criança;

Manoel Mardel Lopes de Magalhães, casado com Hermínia Caldas de Magalhães; Um amigo, trajado todo de preto; Um pouco mais distante, uma funcionária da família, lavadeira, com a trouxa de roupas na cabeça;

Ao lado direito: sua esposa Liberata, com sua filha caçula, Francisca Mardel de Magalhães Cruz; Alberta Mardel de Magalhães, casada com Domingos Rodrigo Braga;

Julia Mardel Lopes de Magalhães Cavalcante, casada com Hermínio Caldas de Magalhães;

Januária Mardel Lopes de Magalhães Lago, casada com Aurelino Leopoldino Pereira Lago;

Prudência Mardel Lopes de Magalhães, casada com Arthur Lago; Na janela, a senhora Carmem Lopes de Magalhães, viúva, de preto, avó da artista, e, ao seu lado, sua mãe, Thereza Magalhães Brasil;

O cientista alemão Hamilton Race está sentado na ponta da calçada;

A obra foi elaborada a partir de uma fotografia de 1924.

CASA DA CULTURA MADRE LEOTTÁVIA ZOLLER



PERPE BRASIL

Prédio construído no início da década de 1940 nas principais avenidas do município: Jaime Brasil e Sebastião Diniz, ambas de comércio. Por muitos anos, foi considerada a residência mais bonita da cidade. Apresenta dois pisos, com ladrilhos lusitanos em azul e branco, escadaria de madeira e duas sacadas. Para morar, o espaço foi construído pelo empresário

Milton Negreiros de Miranda e sua mãe, Joana de Nevoeiros Miranda. Em 1946, a residência foi vendida ao 1º governo do Território Federal do Rio Branco, Ene Garcez, tornando-se a residência dos 16 primeiros governadores de Roraima. O espaço foi palco de festas e jantares, além de ter sido o primeiro a contar com um chafariz, que encantava a todos, principalmente os casais, tornando-se um lugar favorito para tirar "retratos". Em 1994, passou por restauração e tombamento pelo Decreto nº 722, de 8 de maio, integrando-o ao Patrimônio Arquitetônico do Estado. Recebeu o nome de Casa da Cultura Madre Leottávia Zoller, por meio do Decreto nº 723. Em 2024, houve a reinauguração do prédio, que atualmente abriga a Academia Roraimense de Letras.

HOSPITAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



PERPE BRASIL

Construído na década XX pelos padres abnegados da irmandade beneditina, em uma época em que não havia unidade para amparar os doentes no antigo município de Boa Vista, ainda pertencente ao Estado do Amazonas. O prédio abrigou o primeiro hospital de Boa Vista, com apoio das freiras beneditinas italianas Radigundes e Berta, sem fins lucrativos.

Em 1937, houve um surto de febre amarela, e a Prelazia providenciou a vinda do reverendo Dom Vicente de Oliveira Ribeiro, médico de formação. Ele instalou um consultório no hospital para atender a população. A unidade possuía uma enfermaria com dez leitos, uma sala para curativos e outros espaços para pequenas cirurgias e farmácia. Na época, a população da cidade era composta por 400 casas, somando 2 mil moradores, distribuídos em 15 ruas, e os meios de transporte incluíam bicicletas e cavalos.

Em 1943, com a criação do Território Federal do Rio Branco, chegaram mais médicos. Em 1948, o hospital ficou sob os cuidados da Irmandade da Consolata e do Prelado Dom José Nepote, que ampliou a unidade. Em 1968, o espaço recebeu o nome de Nossa Senhora de Fátima. O hospital fechou as portas diante do aumento da inflação e das dificuldades financeiras para a manutenção das atividades. Em 2015, o prédio foi demolido.

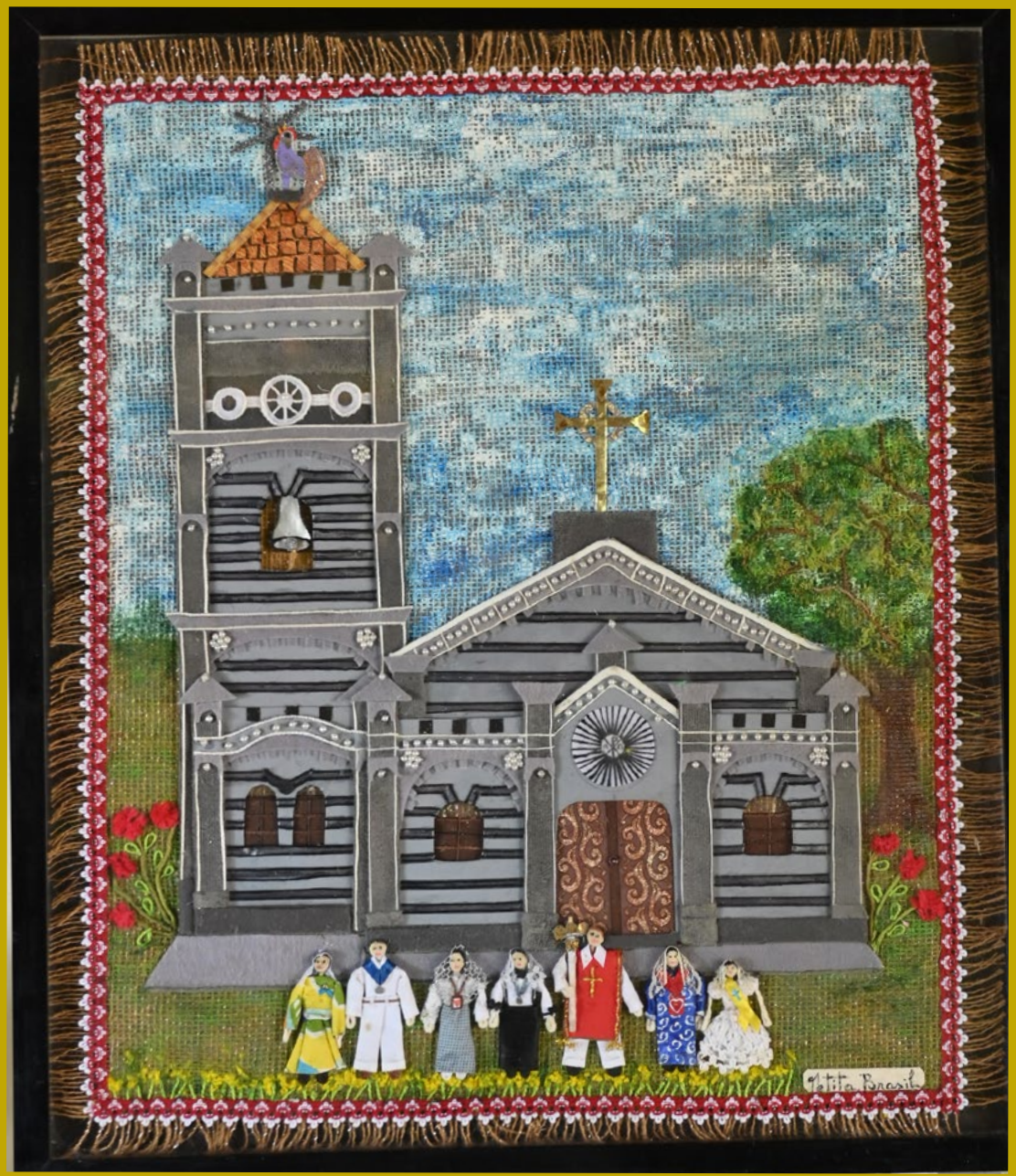
MATRIZ NOSSA SENHORA DO CARMO



PERPE BRASIL

Em 1725, na região do Rio Branco, a igreja começou com uma capela muito simples, de madeira, em uma parte mais alta, construída pelos missionários da Ordem dos Frades Carmelitas, marcando a missão de catequese. Em 1856, os padres franciscanos ergueram uma igreja maior em Boa Vista. Dois anos depois, a unidade passou a ser reconhecida como Matriz Nossa Senhora do Carmo.

Em 1909, chegou a Ordem Religiosa dos Monges Beneditinos para fundar a missão no Rio Branco e realizaram a reconstrução da igreja, tendo como arquitetos e pintores os monges alemães, que aplicaram na arquitetura um estilo germânico (gótico). Era o orgulho da comunidade católica. Desde a sua criação, além da programação religiosa, também era um espaço de socialização da comunidade local, de encontros e festejos. Ao longo do tempo, a igreja passou por várias mudanças em sua estrutura original.



PETITA BRASIL

A partir da pesquisa feita pela artista, a Matriz sempre foi de cor cinza, assim retratada por ela. Os personagens retratados pertenciam às congregações das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960.

Da esquerda para a direita:

• Congregação Católica – usava-se uma fita azul no peito. Executavam atividades como canto, teatro, artes manuais etc. Representada aqui pela professora Clemildes Melo, que foi presidente dessa irmandade.

• Congregação dos Marianos – só os homens usavam fita azul-escura e, na ponta, a medalha. Representado aqui pelo Sr. João Fraxe, um grande fiel de Deus.

• Congregação Escapulário N. S. do Carmo – representada pela senhora Vitória Mota Cruz, conhecida como "Tia Santa". Ela era benzedeira.

• Congregação Filhas de Maria – usavam fita azul-clara com medalha na ponta. Eram as mulheres que organizavam os rituais da Santa Missa e procissões. Representada pela senhora Francisca Vasconcelos.

• Congregação dos Vicentinos – eram os devotos de São Vicente de Paula. As vestes eram vermelhas, bordadas com galões dourados e com uma grande cruz no peito. Na mão, uma grande vela. Os homens eram totalmente integrados à sociedade católica. Somente eles poderiam ladear o Ostensório nas procissões, sendo este carregado apenas pelo bispo.

• Congregação do Apostolado da Oração do Coração de Jesus – eram as senhoras que cuidavam da parte social da igreja, como arraiais, festas, bingos etc. Representada pela senhora Thereza Magalhães Brasil.

• Cruzada da Eucaristia – os jovens recebiam essa fita amarela com uma cruz azul depois que fizessem a Primeira Comunhão. Representada pela amiga de infância Maria do Rosário Souto Maior Nogueira.

PRÉDIO RESIDENCIAL CASA DAS MADRES



PERPE BRASIL

A Irmandade Beneditina deixou sua marca na arquitetura dos prédios do vale do Rio Branco. O Prédio Residencial Casa das Madres foi construído na década de 1920 e contou com a colaboração do irmão Gaspar, alemão, arquiteto e artista plástico. O prédio reflete o estilo germânico. Como pintor, ele deixou seu registro no teto da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. Em estilo germânico, o prédio possui uma escadaria com pórtico de entrada. Na lateral esquerda, há uma pequena capela, onde as missas eram celebradas às cinco horas da manhã.

Nesse espaço viveram as irmãs beneditinas e, posteriormente, as madres da Irmandade da Consolata. Mais tarde, a Irmandade de Turin construiu um novo prédio, mais moderno, na Avenida Benjamin Constant, onde até hoje residem as freiras. O antigo prédio permaneceu fechado por muitos anos e acabou se deteriorando. Em 1995, passou por um processo de restauração por meio do Projeto Raízes, sendo entregue à Diocese de Roraima, que o destinou para abrigar o Centro da Cidadania "Nós Existimos".



PETITA BRASIL

De muitas histórias, o prédio foi residência das madres, em homenagem às freiras, nossas professoras. A artista retratou, em primeiro plano, a madre Rosa, enfermeira do Hospital Nossa Senhora de Fátima, que também ensinava trabalhos manuais como bordado e crochê. Ela transmitia seus ensinamentos dizendo: “O tempo é você quem faz”.

Na escada está a madre Leonildes, porteira do prédio, que vendia santinhos. Embaixo, as madres: Juliana, a superior, conhecida por sua rigidez; a madre Ildefranca, que ensinava História e Geografia; e a madre Leotávia, professora de Português, Artes, Canto Orfeônico e Religião.

MONUMENTO AO GARIMPEIRO



PERPE BRASIL

Na primeira gestão do governador Hélio da Costa Campos (1977 a 1979), Walter Melo foi convidado a elaborar um monumento para homenagear o homem rude que procura, no seio da terra, o metal precioso, acalentando o sonho de riqueza e uma vida mais fácil. Assim, juntamente com o colega Francisco da Luz Moraes (Chico Japurá), rascunhou o projeto de uma estátua de um garimpeiro, com a proposta de ser leve e de longa duração. O projeto foi enviado para Manaus, onde, em uma funilaria, foi confeccionado com uma mistura de borracha e alumínio.

A cor original era prata. Depois de pronta, a estátua veio de avião em caixote e foi instalada no local onde se encontra até hoje, no Centro da Cidade, em frente ao Palácio Senador Hélio Campos. O monumento representa um homem garimpando e exalta a época áurea do ouro, homenageando aqueles que trabalharam na busca de esperança e contribuíram para o desenvolvimento do Estado.



PETITA BRASIL

O monumento é autêntico e belíssimo! Quando chegaram a Roraima, os gaúchos não tinham clubes e se apresentavam nas ruas, onde ocorriam as festas juninas. Aqui estão representados os gaúchos de bombacha, junto às damas roraimenses, em uma verdadeira e harmoniosa integração. Trata-se de uma homenagem à bisavó da artista, Cecília Brasil, a primeira gaúcha a pisar neste solo, vinda de Jaguarão em 1852, e ao marido da artista, pai de seus filhos, Verley da Silva Bueno, gaúcho de São Borja, que chegou aqui em 1965.

Material: couro, tecido, cordão e tinta.

HOTEL BOA VISTA - AIPANA



PERPE BRASIL

Nasceu com o nome Hotel Boa Vista, na década de 1940, o único da cidade, sendo o centro social da vila de fazendeiros, garimpeiros e empresários. Foi palco de festas elegantes, incluindo um show inesquecível dos The Platters, famosa orquestra dos anos 1950, e de tramas políticas, com discursos de autoridades de sua pequena sacada, na Praça do Centro Cívico, e desfiles cívicos de 7 de setembro.

Em 1989, foi adquirido pela Varig, recebendo seu primeiro "banho" de modernidade. Mais tarde, um empresário roraimense modernizou ainda mais o hotel, preservando o charme provincial. Localizado no coração da cidade, a vegetação ao redor garante isolamento acústico e tranquilidade. Hoje funciona como Aipana Plaza Hotel, cujo nome indígena significa "ponta de flecha" e também homenageia a filha do proprietário, Pedro José Reis, falecido em 2014. A administração permanece com a família.

MURO DO RIO BRANCO - PORTO DO CIMENTO, ONDE TUDO COMEÇOU



PERPE BRASIL

Em 1948, quando foi realizado o saneamento da Av. Floriano Peixoto, houve também a construção de um muro de concreto em toda a extensão da calçada, compreendendo o trecho entre o antigo Porto do Cimento e o Mirante Adolpho Brasil. Além disso, foram instalados iluminação e bancos para compor o ambiente. Nas margens do Rio Branco, havia uma rampa de cimento que passou a se chamar Porto do Cimento.

Esse local representava o umbigo da cidade, pois, principalmente na época das cheias (chuvas), as grandes embarcações e balsas vindas de Manaus atracavam ali, transformando o local em um ponto turístico. À época, era o ponto inicial da procissão de São Pedro, realizada em 29 de junho, que começava neste local ao som da banda municipal e encerrava no Porto de São Pedro. Hoje, no espaço, encontra-se a estrutura da Orla Taumanan.

Tombado pelo Decreto Municipal nº 2.614, de 15 de outubro de 1993.

PRÉDIO COMERCIAL DOZE PORTAS



PERPE BRASIL

Com um estilo interessante e único, o prédio conhecido como “Doze Portas” foi construído em 1936 por Rabib Jorge Fraxe (conhecido como Felipe), com fins comerciais, ligado internamente à sua residência. Erguido em nível mais alto que a rua, é acessado por uma escadaria e possui um amplo salão com vendas de estivas, miudezas, tecidos, sapatos, querosene, açúcar, café e cigarros. Atualmente, o imóvel está alugado e parcialmente descaracterizado.

Proprietário: Família Fraxe
Endereço: Av. Jaime Brasil, n° 155
Tombado pelo Decreto Municipal n° 2.614, de 15 de outubro de 1993



PETITA BRASIL

Um grande prédio para a época, servindo como comércio do Sr. Felipe Fraxe, que vendia de tudo, retratado à direita, com camisa social, calça de caqui e um cinto largo preto, sua combinação de costume. Embaixo, três estivadores responsáveis por carregar as mercadorias.

RESIDÊNCIA DO SENHOR SINDÔ - ESCOLA PRINCESA ISABEL



PETITA BRASIL

Antes da construção da escola, o local era residência da família Sindô, uma casa simples com telhado de cavaco. O terreno foi adquirido pelo governador do Território Federal do Rio Branco, Aquilino da Mota Duarte, o primeiro roraimense a ocupar esse cargo. A construção da unidade de ensino ocorreu em 1953, sendo inaugurada como Jardim de Infância Darcy Vargas, em homenagem à esposa do presidente Getúlio Vargas. Posteriormente, passou a se chamar Jardim de Infância Princesa Isabel, em referência à princesa abolicionista.

Entre as curiosidades, havia uma sala de música com piano, onde a senhora Carmem Eugênia, irmã da escritora Nenê Maccagi, ensinava as crianças a tocar e a ler notas musicais. O prédio, localizado no final da Avenida Jaime Brasil, manteve suas características originais, incluindo o piso hidráulico lusitano em vermelho e branco. Ao lado, destaca-se a imponente árvore Samaúma. Com o decreto nº 4606, de 25 de fevereiro de 2002, a instituição passou a se chamar Escola Estadual Princesa Isabel.

Tombado pelo Decreto n° 2614, de 15 de outubro de 1993.

Visão da artista plástica

Residência construída em tijolos de adobe, com cobertura de palha. Em destaque, o próprio senhor Francisco Barbosa Monteiro (Sindô) com sua filha Iracema. Na janela, aparece sua esposa, Josefa Monteiro.

Como era costume da época, ao entardecer, as cadeiras eram colocadas no pátio da frente para o tradicional bate-papo com a família e os visitantes, sempre acompanhadas de um café. A artista fez questão de retratar a árvore histórica Samaúma, confeccionada com aproximadamente 250 lacinhos de cordão fino, além dos delicados sanhaçus-azuis que completam a cena.

GINÁSIO EUCLIDES DA CUNHA



PETITA BRASIL

O prédio de dois pisos, com numerosos corredores e janelas, tem sua entrada principal voltada para as avenidas Bento Brasil e Inácio Lopes de Magalhães. A fundação ocorreu em 23 de dezembro de 1949, por meio da Portaria Ministerial nº 443/1950. A instalação do Ginásio Euclides da Cunha concretizou-se em 6 de setembro de 1951, passando a ser responsabilidade da Prelazia do Rio Branco, hoje Diocese de Roraima.

Uma das grandes barreiras da época foi integrar estudantes de ambos os sexos, pois, antes, as meninas frequentavam a unidade São José, enquanto os meninos estudavam na escola Lobo D'Almada. Pautado na fé em Cristo, o ginásio ofereceu ensino de qualidade, possibilitando que os alunos tivessem acesso ao ensino superior fora do Estado. A unidade também ofertou aulas de francês e latim. Até 1979, funcionou com turmas do 1º ao 4º ano; na década de 1980, estendeu-se até o 8º ano. No final da década de 1990, o governo adquiriu o prédio da Diocese, e a unidade passou a se chamar Escola Estadual Euclides da Cunha. O ginásio foi restaurado, retornando à sua cor original.

Visão da artista plástica

A artista retrata seu primeiro ano de ginásio com total fidelidade às cores. Em cena, estão suas inseparáveis colegas Lizarb Dias de Sousa Cruz e Albertina Coêlho, o irmão Adolpho Brasil e o amigo Douglas Nogueira.


Roraima
Assembleia Legislativa
O Poder do Povo